

O MAR: SEMASIOLOGIA EM SERGIPE*

Suzana Marcelino Cardoso
Vera Rollemberg

1 Os inquéritos sistemáticos¹ para o **Atlas Lingüístico de Sergipe**² revelaram uma possível peculiaridade da área no campo onomasiológico que tem como centro o mar. As formas referidas no decorrer do trabalho — **mar, oceano, maré, mareta, maruada, mareada, maresia e banzeiro** — se apresentam com uma distribuição distinta daquela com que ocorrem nos dialetos urbanos e foram recolhidas na área mais próxima do litoral ou naquela que apresenta, por razões de ordem geográfica, certa relação com as zonas marítimas³.

2 **Mar** além de, em Sergipe, significar “cada uma das porções em que está dividido o oceano”⁴, a sete dos informantes⁵, distribuídos em seis localidades, ocorreu também para designar “porção de água do mar, lago ou rio, que se eleva”, isto é, “onda”, como se pode inferir das palavras dos próprios informantes abaixo transcritas:

55 (inf B)⁶: “é um *marzinho* (isto é, ‘onda pequena’)⁷ fraco, dá aquelas maretazinha na costa”;

“*marzinho* que bate um no outro”;

“é aquele *mar* (isto é, ‘onda’) quando engrossa mas

não quebra, não faz aquela espuma branca por cima”.

56 (inf A): .“vem aquela porção de... o *mar* por cima do outro, por cima do outro, lá vem rebentando, rebentando, quando quebra é quase tudo de uma vez, não é?”;

..“... quer dizer que não está ventando, não está saindo *mar*, está calado, não é, está em calas”.

61 (inf A): .(em resposta monovocabular à pergunta ONDA DE MAR) “mares, os *mar*”, e mais adiante: “carneiro (designação para ‘onda’) é *mar* grande, é o mesmo banzeiro (outra designação para ‘onda’)”.

61 (inf B).(em resposta à pergunta ONDA DE MAR) “chama-se o *mar*, maresia, dá aquelas boiadera”.

62 (inf B): .“aqui (isto é, no rio) dá;... dá cada um *mar* medonho (isto é, grande) também”;

..“o que se chama maretar é as água quando está fraca, é aquelas mareta, e quando está forte é o *mar*. O *mar* é aqueles mais grosso, aqueles mais alto. aquelas onda mais alta, a gente dá o nome de *mar*”;
“é aqueles *mar* bem espaçoso de um para o outro sem maretar, só é aquelas enseada forte...”;

.. “[banzeiro] é o mesmo carneiro, porque o carneiro é aquele *mar* alto...”.

64 (inf A): .“está uma maruada, está uns *mar*”;

..“só faz dizer assim: que está um *mar* no rio, só assim”.

3 Oceano, que identifica na norma culta “vasta extensão de águas salgadas que cobre a maior parte da Terra”, na área investigada comuta livremente com **mar** (“cada uma das porções em que está dividido o oceano”) para seis informantes em cinco das localidades:

55 (inf A): (Onde é que apanha peixe?): “dentro do mar, não é, no *oceano*”;

..(Uma folha sobre a água do rio segue em que direção?): “desce para procurar o *oceano*”.

55 (inf B): .“ela nasce no *oceano*”;

..“ali terminou o rio, terminou ali no *oceano*”.

56 (inf A): .“é a onda que bate no... *oceano*, quando vem do *oceano* assim bate ali naquele lugarzinho...”;

..(explicando groseira, instrumento de pesca) “para pescar peixe dentro do *oceano*”.

57 (inf B): .(Onde termina o rio?): “no mar, no *oceano*”.

61 (inf B): .(Onde é que apanha peixe?): “no *oceano*, no rio de São Francisco, nas lagoas, nos brejos de plantar arroz”.

62 (inf B): .“[o rio] despeja dentro do mar, do *oceano*”.

4 Maré além de designar “movimento periódico das águas do mar, pelo qual elas se elevam ou se abaixam em relação a uma referência fixa no solo” aplica-se também a “braço estreito de mar que se estende pela terra” e para “embocadura de um rio onde já se misturam as águas doces com as salgadas”, as duas últimas significações com distribuição condicionada à realidade topográfica, como documentam:

52 (inf B): .“o apicum (isto é, brejo de água salgada ou terras elevadas próximas ao mar) fica encangado com a *maré* mesmo”;
.e explicando certa designação para onda: “da *maré*, para um lado, para outro”.

53 (inf A): .(O mar fica longe daqui?) “e eu seil nunca fui na *maré*; eu tenho vontade de ir na *maré* mas nunca fui”;
. (Onde termina o rio?) “na boca da *maré*”.

55 (inf A): “aqui mesmo já tem morrido pessoas afogada dentro da *maré*”;
.“a *maré* hoje está muito calma, está quieta; o mar está muito quieto, muito calmo”.

55 (inf B): .(O que é viveiro — isto é, uma espécie de lugar onde se criam peixes?) “é de criar peixe; a gente cerca assim numa beirada de *maré*, assim...”.

56 (inf A): (quando perguntado por onde se encontram certos tipos de crustáceos) “dentro da *maré*, do mangue”.

56 (inf B): .“eu mesmo moro perto da *maré*; agora é mar, não é mar reforçado, é meio mar, meio lá, meio cá...”;
. (quando perguntado por apicum) “apicum é fora da da *maré*, quando a *maré* bate, quando ela enche, quer dizer que anda aquele apicum todo...”.

57 (inf A): . (quando perguntado por apicum) “apicum é assim, nas beira do mangue; tem a *maré*, não é, e tem assim... adiante aqueles apicunção”;
. (Onde se encontra guaiamum — certo tipo de crustáceo?) “é em beirada de *maré*”.

61 (inf A): .“às vezes a *maré* desce uma descida, num barro mais abaixo, aí correndo”.

62 (inf B): .“tem o siri, tem o aratu, tudo isso é caranguejo (isto é, crustáceo) que anda na *maré*”.

5 Mareta por sua vez não tem o seu uso restrito a “onda de rio”, ocorrendo também para “onda”, em geral, nos pontos 51 (inf B), 53 (inf B), 55 (inf B), 56 (inf A), 57 (inf A), 61 (inf B), 62 (inf B) e 64 (infs A e B) em respostas monovocabulares ou em contextos tais como:

- .“a *mareta* é das água, quando o vento bate nas águas” (ponto 64, inf B);
- .“maretar é quando o vento está brando, fica aquelas *maretazinha*, ou senão quando o sujeito está batendo n’água, não é, fica aquelas *mareta*” (ponto 61);
- .“*mareta* é dentro d’água, quando está aqueles banzeiro (isto é, ondas) poucos, não é?” (ponto 57);
- .“banzeiro é assim, as *maretuzinha* quando [dá] um ventinho pouco” (ponto 64, inf A);
- .“é um marzinho (isto é, onda pequena”) fraco, dá aquelas *maretazinha* na costa” (ponto 55);
- .“[*mareta*] é da maré, para um lado, para outro” (ponto 51).

6 Maruada, mareada, além de ocorrer para “conjunto de ondas de rio” aos informantes A dos pontos 61, 62 e 64, documenta-se também

6.1 para “conjunto de ondas do mar” no ponto 64 (inf B):

- .(O que é que faz o banzeiro — isto é, a onda do mar?) “o banzeiro levanta e bate a *maruada*, na costa”;
- “ali é a *maruada* na costa”.

6.2 e para “onda” genérico, no ponto 62 (inf B):

- .(E quando é pequena que não vem logo uma atrás da outra, é uma só?) “agora aí, uma pequena... porque tem vezes que a *maruada* grande vem alta, a que vem na frente vem baixa, mas eu não sei dar nome”.

7 Maresia que nos dialetos urbanos designa “cheiro característico vindo do mar, por ocasião da vazante” nessa área substitui

7.1 onda “porção de água do mar, lago ou rio, que se eleva” como se documenta no informante B do ponto 61 na resposta à pergunta ONDA DE MAR:

- .“chama-se o mar (isto é, ‘onda’), *maresia*, dá aquelas boiadeira”.

e no informante A do ponto 62 em sua resposta monovocabular à mesma pergunta, assim como no informante B desse mesmo ponto quando diz:

..“tem as mareta mais alta, outras mais baixas, chama-se *maresia* também, chama-se o mar (isto é, ‘onda’); ali é o mar com a *maresia*”;

7.2 e praia “orla de terra, ordinariamente coberta de areia, confinando com o mar” no ponto 62 (inf B):

..“*maresia* [é] uma beira de água, beira de água salgada”.

8 Banzeiro, além de aplicar-se, como adjetivo, ao mar quando pouco agitado e com ondas pequenas, como o emprega o informante masculino do ponto 53:

..“*banzeiro* é o mar, fica ali, olhe (mímica para o movimento do mar)... o mar está *banzeiro* hoje”.

documenta-se

8.1 para “onda” genérico nos pontos 55 (infs A e B), 56 (inf B), 57 (infs A e B), 61 (infs A e B), 63 (inf B) e 64 (infs A e B), como ilustra a documentação do informante A do já citado ponto 57, quando se refere a “onda grande”:

..“é aqueles *banzeirão*, não é, aqueles *banzeirão* que é altão”

8.2 e para “onda alta” nos pontos 56 (inf A) e 62 (inf B), nesse último com a explicação:

..“é aquele mar (isto é, ‘onda’) bem espaçoso de um para o outro sem maretar... é o mesmo carneiro (designação para ‘onda’); mas *banzeiro* é que não esfiapa, é-vem altura!”.

9 Do que se apresenta se inferem diferentes quadros semasiológicos para cada uma das formas alistadas. As novas significações — novas em relação ao que se consagrou como tal nas falas urbanas cultas e a partir de aí nos dicionários — que passa a recobrir cada uma delas, resultam da presença de semas comuns, extensivos ou abrangentes. Em alguns casos a ambigüidade que poderia advir dessa polissemia é salvaguardada pela manutenção das oposições formais provindas de um novo quadro onomasiológico que se estabelece.

9.1 Dessa forma, quase todos os informantes que designam “porção de água do mar, lago ou rio, que se eleva”, isto é, “onda,” por **mar** têm para o conceito de “cada uma das porções em que se está dividido o oceano” — comum a todos eles — a forma **oceano**, como se documenta no informante feminino do ponto 56 e nos informantes masculinos dos pontos 55, 61 e 62.

9.2 Maré, que para todos os informantes tem sistematicamente o valor de “movimento periódico das águas do mar”, designa por sua vez, a exceção do que se passa nos pontos 61, 62 e 64, “braço de mar” e “embocadura de um rio onde se misturam as águas doces com as salgadas”. A ampliação do campo semasiológico de **maré** resulta das relações naturais entre as três realidades geográficas recobertas pela forma **maré** nessa área. Assim de **maré** “movimento periódico das águas do mar” se chega a **maré** “braço de mar” que se relaciona com o movimento oscilatório do mar, o qual possibilita uma maior ou menor penetração de suas águas nas terras com as quais se limita. Também nas embocaduras dos rios é comum o reflexo do fenômeno das marés, como se documenta, por exemplo, no ponto 55, com a explicação do informante B:

“aqui mesmo dentro do rio ela (isto é, a maré) tem seis horas de enchente e seis horas para vaziar, nunca é mais nem menos”,

o que pode justificar a extensão do uso da forma **maré** a “embocadura de um rio onde se misturam as águas doces com as salgadas”. Bastante significativo e esclarecedor é o fato de, nas localidades em que a parcimônia da natureza excluiu a presença direta ou indireta do mar — pontos 61, 62 e 64, à margem do rio São Francisco — não ter sido incorporada **maré** para “braço de mar” e para “embocadura de um rio onde se misturam as águas doces com as salgadas” ao repertório dos informantes, ainda que conhecedores, todos eles, da forma para “movimento periódico das águas do mar”.

9.3 Mareta cuja estrutura mórfica poderia evocar uma associação com palavras em que se faz presente o sufixo **-eta**, designativo de uma gradação para menos como em **saleta**, **maleta**, etc., não se configura com tal sema na consciência lingüística desses falantes. Ainda que a três informantes se tenha registrado a forma como resposta à pergunta ONDA DE RIO — ao informante A do ponto 61 e ao informante B dos pontos 53 e 62 — a dois deles anotou-se também **mareta** para a pergunta ONDA DE MAR. A depender da diferente experiência que tenham os falantes da realidade geográfica uma onda considerada “pequena” por alguns será apenas “onda”, sem especificação, isto é, “onda” genérico, para os que, e é o caso da maioria, conheçam apenas um braço de mar, um rio ou um riacho, em que a natureza do movimento das águas não permite uma grande variabilidade de tipos de onda. Pela inexistência no universo mental da maioria dos informantes da realidade “onda grande” à qual se oporia teoricamente “onda pequena”, designada por **mareta**, essa forma ter-se-ia incorporado a seu repertório despojada da conotação de grau. Assim, quando têm necessidade de exprimir o conceito “onda pequena”, o fazem por

derivação de **mareta** — uma das possibilidades existentes em seu repertório para expressão do conceito “onda” — como é o caso do informante A do ponto 60:

.“banheiro (isto é, ‘onda’) é assim, as *maretazinha* quando [dá] um ventinho pouco”;

do informante B do ponto 61:

.“maretar é quando o vento está brando, fica aquelas *maretazinha* ou senão quando o sujeito está batendo n’água, fica aquelas *mareta*”

e do informante B do ponto 55:

.“é um marzinho fraco, dá aquelas *maretazinha* na costa”.

Além do processo sufixal servem-se da adjetivação quando têm que estabelecer essa e outras gradações, como o fazem o informante A do ponto 61:

.“eu não tenho visto lugar de *mareta grande* não, que eu não saio daqui... não sei de rio, não sei de *mareta* e aqui só tem *pequena*”

e o informante B do ponto 62:

.“tem as *mareta mais alta*, outras *mais baixa*”.

9.4 Processo semelhante ao que se verifica na designação do conceito “onda” pela forma **mar** é o que se pode atestar em **maruada**, **mareada**, variantes de **marulhada**, registrada nos dicionários para “barulho das ondas”⁸, “grande agitação das ondas do mar”⁹ ou “movimento das águas do mar de caráter permanente e, algumas vezes, quase imperceptível”.

Alguns dos informantes utilizam as citadas formas de referência a “ondas seguidas no mar ou no rio”, enquanto que outros as têm para designar “onda” em geral. Note-se que as variantes **maruada**, **mareada** não se documentam em informantes das localidades que por sua especial situação geográfica se podem considerar de características litorâneas, a saber, Santa Luzia (51), Estância (53), São Cristovão (55), Itaporanga (56) e Laranjeiras (57), mas em cinco informantes dos três pontos localizados à margem do rio São Francisco, ou sejam, Brejo Grande (61), Propriá (62) e Gararu (64), onde se aplicam tanto de referência ao mar quanto ao rio.

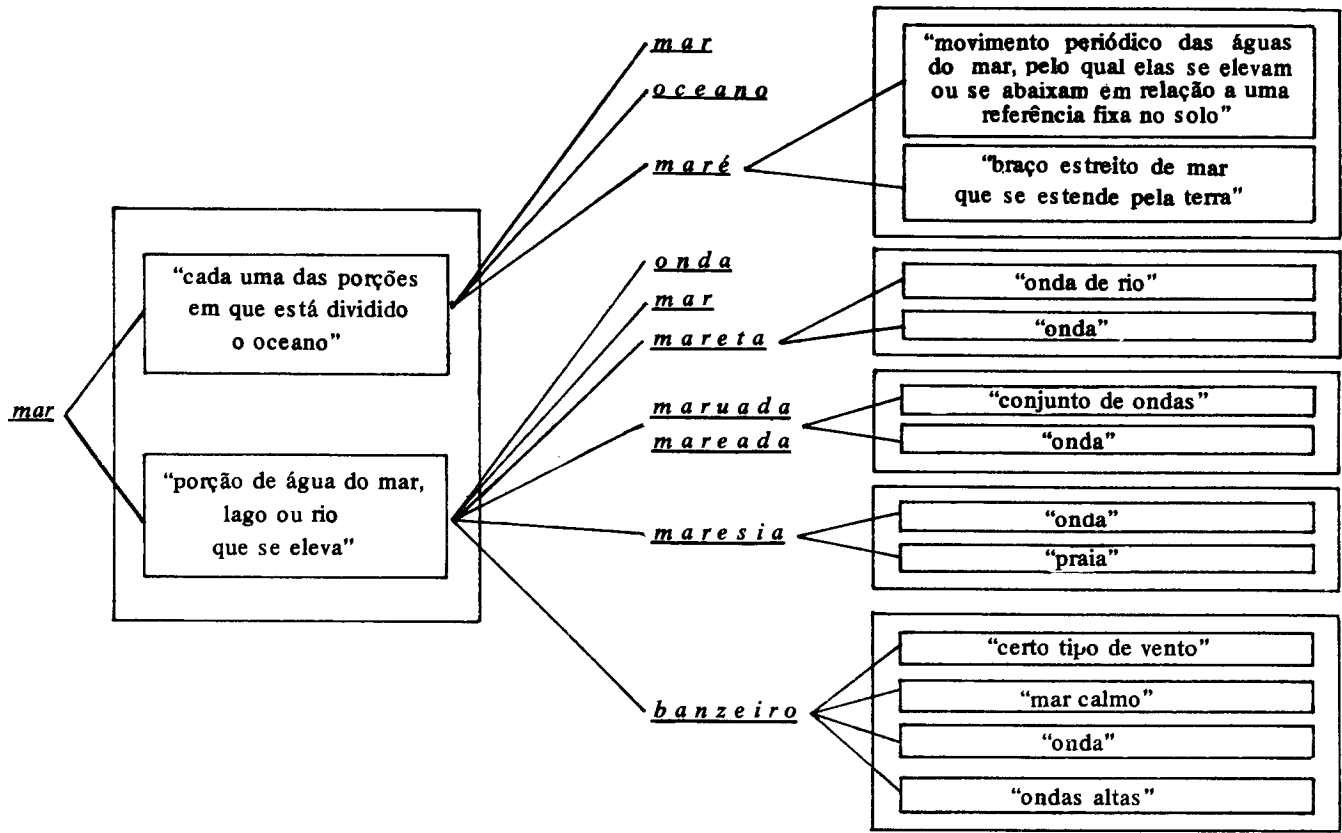
De **maruada**, **mareada** “conjunto de ondas” se chega, por

suspensão dos semas (1) grande quantidade de ondas; (2) umas em seguida às outras e (3) em movimento sucessivo, a **maruada**, **mareada** “onda” genérico, que é, por sua vez, mais um caso de metonímia¹⁰ nessa sub-área semântica.

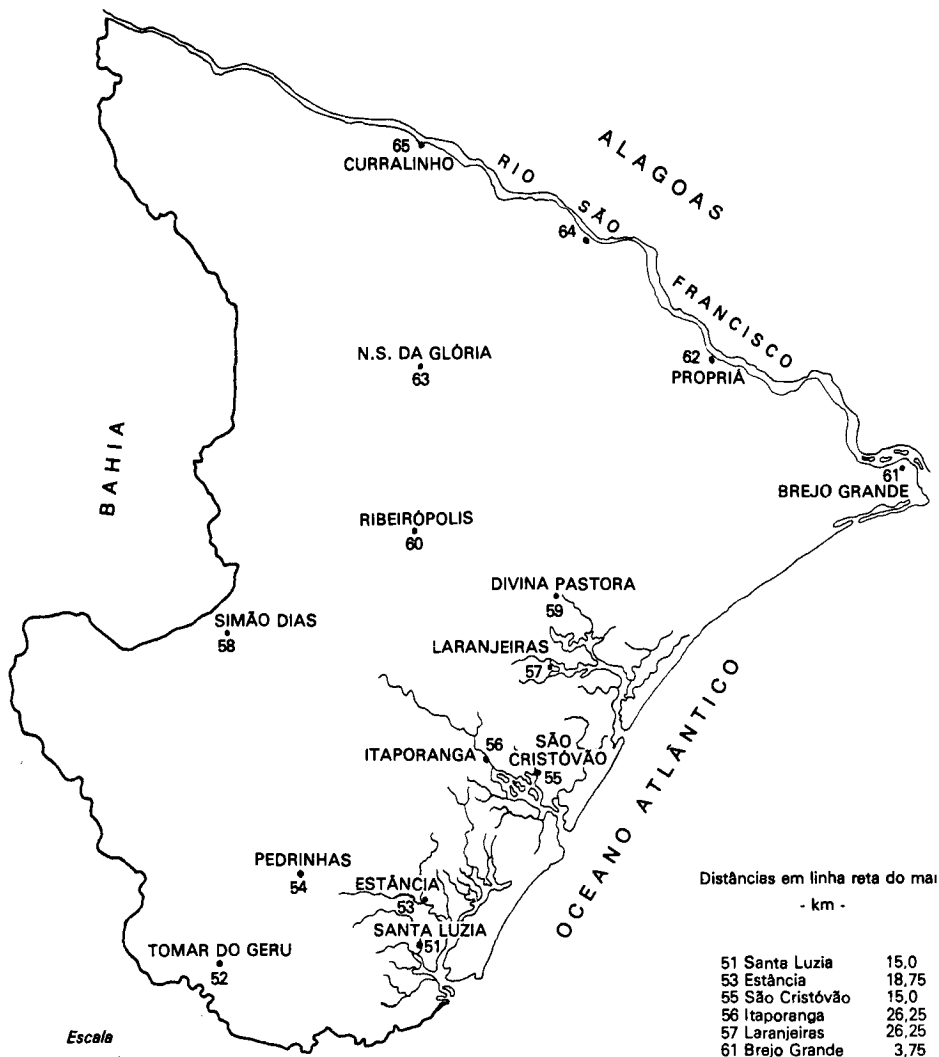
9.5 Apenas nos pontos 61 e 62 registrou-se a forma **maresia** — ao informante B e aos informantes A e B, respectivamente — e sempre como uma possibilidade de designação para “onda” genérico ou para “praia”. A documentação disponível de cada um desses informantes não contém qualquer ocorrência de **maresia** para “cheiro característico vindo do mar, por ocasião da vazante” ou para o “processo corrosivo decorrente dos areis salitrosos nas zonas de praia”, e apenas esses três informantes — exatamente os da margem do rio São Francisco — a utilizam, entre outras possibilidades, para “onda” e para “praia”. O escasso ou nulo conhecimento do mar, do que decorre o desconhecimento do seu cheiro característico ou do efeito corrosivo também chamado **maresia** nas zonas de praia, pode explicar a utilização que fazem da forma, que passa a cobrir um campo semasiológico diferente, ainda que a ele aparentado, daquele que se pode inferir da consulta aos dicionários. É possível que ao repertório linguístico dos falantes de Brejo Grande e Propriá tenha chegado **maresia**, que se associou a **mar** (presente em seu universo mental embora não como objeto de experiência material direta) e — pelo mencionado desconhecimento do cheiro característico — se tenha fixado com o valor de “onda” e “praia”, aspectos relacionados com o mar, os quais, apesar da falta de experiência material direta, não ignoram.

9.6 Dois tipos de relações se podem admitir para chegar-se a **banzeiro** “onda” genérico e “onda alta”. Se por um lado se pode dizer que a designação de “onda” pela forma **banzeiro** é um caso em que se nomeia o efeito pelo vocábulo identificador da causa, uma vez que **banzeiro** também é usado para um certo tipo de vento — significação com que ocorre ainda a forma no informante feminino de São Cristovão —, por outro lado se chegará a **banzeiro** “onda” e “onda alta” a partir da utilização adjetiva da forma para “pouco agitado e com ondas pequenas” que se aplica ao mar. Nesse caso o que se pode inferir é o fato de que se passa a designar a parte, isto é, cada um dos elementos que caracterizam o mar quando banzeiro, ou sejam, as ondas, pela palavra indicadora de mar vagarosamente agitado.

10 Com as considerações feitas procurou-se estabelecer para a área investigada o campo semasiológico das formas em questão (embora se tenham desprezado as ocorrências dessas formas para conceitos fora da área semântica do mar) e inevitavelmente o campo onomasiológico de cada uma delas, que se apresenta em resumo neste quadro:



LOCALIDADES INVESTIGADAS PARA O ATLAS LINGÜÍSTICO DE SERGIPE



*Comunicação apresentada ao III Congreso Interamericano de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL), Porto Rico, 07-12 junho, 1971, sob o título *El mar: semasiologia en Sergipe, Brasil*.

1 Consistiram na aplicação, de 1966 (out) a 1967 (ag), do Questionário para os Inquéritos Finais em quinze localidades e a dois informantes em cada uma delas. O material reunido em fitas magnetofônicas pertence ao Arquivo Sonoro do Setor de Língua Portuguesa, Departamento de Letras Vernáculas, do Instituto de Letras da UFBA.

2 Originais em fase de impressão.

3 As localidades inquiridas foram Santa Luzia (ponto 51), Estância (ponto 53), São Cristóvão (ponto 55), Itaporanga (ponto 56), Laranjeiras (ponto 57), Brejo Grande (ponto 61), Propriá (ponto 62) e Gararu (ponto 64). (Cf. carta geográfica em anexo onde se fornecem, em linha reta, as distâncias aproximadas do mar).

4 Os significados, indicados entre aspas, atribuídos às formas em discussão foram sistematicamente extraídos, a exceção de dois casos a que se faz referência em nota, de Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

5 Os informantes nos quais se baseia este trabalho foram escolhidos segundo os critérios que orientam a seleção de informantes rurais.

6 Indicam-se por A os informantes do sexo feminino e por B os do sexo masculino.

7 Entre parênteses, e onde se julgou necessário, fornecem-se a formulação da pergunta e/ou explicações importantes para o entendimento da citação do informante.

8 Silva, Antonio de Moraes. *Grande dicionário da língua portuguesa*. Lisboa, Confluência, 1949-1952.

9 Caldas Aulete. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Delta, 1958.

10 As designações para "onda" aqui apresentadas estão cartografadas ao lado de outras na Carta 17 ONDA do *Atlas lingüístico de Sergipe*.

RESUMO

Os inquéritos realizados para o *Atlas lingüístico de Sergipe* revelaram uma possível peculiaridade no campo onomasiológico que tem como centro o mar. Examinam-se as formas **mar**, **oceano**, **maré**, **mareta**, **maruada**, **mareada**, **maresla** e **banzeiro** que foram recolhidas na área de Sergipe mais próxima do litoral ou na que apresenta, por razões de ordem geográfica, certa relação com as zonas marítimas e que figuram com uma distribuição distinta daquela com que ocorrem nos dialetos urbanos. Procura-se estabelecer o campo semasiológico das formas em questão e o campo onomasiológico de cada uma delas.

RESUMÉ

Les enquêtes effectuées en vue de la réalisation de l'**Atlas linguístico de Sergipe** ont révélé une possible particularité dans le domaine onomasiologique qui est centré sur la mer. Les formes **mar**, **oceano**, **maré**, **mareta**, **maruada**, **mareada**, **maresla** et **banzeiro** ont été recoltées dans la partie du Sergipe plus proche du littoral, ou dans celle qui, pour des raisons d'ordre géographique, présente une certaine relation avec les régions maritimes. Ces formes apparaissent avec une distribution distincte de celle qui est attestée dans les dialectes urbains. Une interprétation du champ sémasiologique et onomasiologique de chacune des formes en question est proposée.